AVEIRO, 6 DE OUTUBRO DE 1962 · ANO OITAVO · NÚMERO 415

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo • Administrador — Alfredo da Costa Santos • Proprietários — David Cristo e Francisco Santos
Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua de Homem Cristo, 20 — Telefone 23886 — AVEIRO

JOSÉ ESTÊVÃO visto por contemporâneos

Um artigo de EDUARDO CERQUEIRA

CHEGAMOS a menos de um mês do centenário da morte de José Estêvão. E não estaremos esquecidos; creio bem que não estamos esquecidos, porque o prestígio ímpar do insigne aveirense penetrou fundo demais no que há em Aveiro de arreigada e indissolùvelmente colectivo, para que a gente da sua terra o pudesse olvidar, mormente neste ensejo.

Não estamos esquecidos, mas conservamo-nos quedos e mudos. Parece que o caso não é bem connosco, com nenhum de nós individualmente, e que cada qual acha que pode abdicar no vizinho ou numa abstracção e lamentar depois o pouco que se haja dito ou feito.

Ora, se me dão licença, entendo que José Estêvão, mesmo espartilhado como o vejo e admiro no belo fresco de Mestre Martins Barata, no Palácio da Justiça, tem o peito bastantemente ancho para ser sempre ele e para se fazer sentir em grande — no ardor de combatente por um ideal inabalável, na indesmentida generosidade de um coração desbordante, que batia até à mais descompassada e franca simpatia pela gente do povo, na defesa das suas regalias e na incarnação simbólica das suas aspirações, na veemência patriótica e na larguíssima tolerância, no inexcedível afecto à sua terra e nos serviços que lhe prestou, na intrepidez e na benevolência. Tribuno, jornalista, catedrático e académico; homem de bem, arrebatado e arrebatador, tocado pelo sopro do génio; lutador indomàvelmente corajoso, desencadeador de tormentas e semeador de amizades; monárquico, católico e maçon, tomado, por muitos, como precursor do regime republicano, todos encontraremos nele que louvar e celebrar na efeméride que se avizinha. O centenário, assim, é, e deve ser, de todos nós aveirenses, e deve contar com a nossa mais geral adesão. Não podemos negar-nos, numa aparente indiferença, que não corresponde ao nosso sentimento profundo de veneração

Continua na página 5

DURANTE TRÊS HORAS A SALA FOI PRISÃO!

Crónica de Mário da Rocha

SÁBADO e domingo: o vaticínio e a confirmação! Vaticínio amigo! Confirmação, diga-se já, invulgar, excepcional, empolgantemente inesperada...

— «Que sejam felizes, pois escolheram uma peça *difícil*, a mais difícil deste Concurso de Arte Dramática, não só para *representar* como também para *entender*» —, dizia-me, dando-me as boas-noites, *alguém* muito enfronhado no Teatro e já meu conhecido pelos vários encontros que tivéramos.

Nessa noite de 29, nós, ao sairmos do *Trindade*, rumo aos Restauradores, vínhamos com *cólicas*, como nos velhos tempos académicos em que, no dia seguinte, tínhamos de ir para exame... É que o público, que, nessa noite, enchera a sala por causa do dia (era sábado...) e graças à fama da peça e ao nome do autor (era Molière em cena...), **não aguentou** o espectáculo... Muito foi o que abandonou a sala! E não sem algo de razão, a nosso ver! Apesar do texto ser dos de causar riso, a interpetração foi dum grotesco *revisteiro* e a encenação dum intelectualismo macarrónico, onde a iluminotécnica, por exemplo, foi, de verdade, a verdadeira farsa molieresca!...

*

Por tudo isto, nos veio a pergunta, que chegou a apoquentar-nos como fantasma em pesadelo nocturno:

— «Irá *este* público exigente **aguentar** Godot, o Godot do CETA?»

Mas a verdade, talvez pela razão atrás mencionada, agora teria de ser ao inverso, o público **não aguentou**... E não aguentou porque foi muito mais além para connosco!...

*

Ainda faltava mais de meia hora para o início do espectáculo; ainda nos bastidores se ajustavam luzes e se afinavam altifalantes — e já o público um entrava em bicha e outro em bicha ficava à procura dos últimos bilhetes.

E, nota importante: não eram *madames* com estolas de *vison;* não eram cavalheiros bem encasacados; era,

continua na página 7

Riscar direito por linhas tortas

Foi Almada Negreiros quem judiciosamente escreveu que Aveiro, à falta de iminências donde pudesse ser observada, teria que apreciar-se de mapa na mão.

E vamos lá que, concorreada por suas praças e pracetas, ruas e ruelas, a cidade tem um singular encanto — talvez por via do seu «ar lavrado» — que transcende e quase faz esquecer uma anarquia urbanística, fruto de incríveis e ancestrais concessões a interesses, gostos e caprichos do cidadão que nela edificou.

É típico exemplo deste asserto a zona da chamada Ponte-praça; andando por ali ao rês da calçada — distraído o olhar para a ampla Avenida, solicitada a vista para os Arcos ou detida a atenção pelo Canal com seu tráfego colorido — mal nos daremos conta das tortuosidades com que o casario ofende a linha desejável da via pública, do estrangulamento de algumas artérias, da dessincronização de estilos e cércias, do peso brutal do «óculo» e suas adjacências, da

Continua na página 4

Continuação da última página

quela voz? Pois Amália Rodrigues é, antes de mais nada, uma voz e uma cara — uma expressão comovente, por vezes trágica, onde passam todos os sentimentos humanos, da alegria à tristeza, da esperança à dor, uma voz quente e penetrante de modulações de uma doçura infinita, com acentos por vezes arrebatadores... Amália Rodrigues não tem rival na arte de cantar, conhecendo todas as gamas, todos os tons, de que ela se sabe servir como por magia. Essa é a razão por que ela é a única a fazer-nos compreender, com uma tal intensidade, esses maravilhosos fados, curtas canções onde a alma portuguesa exprime com tanta nostalgia as penas de coração e as ternuras do amor.—*«(A.N.I.)»*

Pela primeira vez temos a honra de ler o senhor André Ransan. Cremos, porém, que ele jamais alinharia com os infames críticos que, há uns tempos atrás, se permitiram desancar a fabulosa ópera do grande Ruy Coelho «Vestido de Noiva», levada pelo autor aos palcos parisenses com o intuito, sempre louvável, de nobilitar e difundir a cultura lusíada. Na emergência, decerto faltaram ao insigne maestro Coelho — mais conhecido por «O Verdi português» — auditores da estirpe do ponderado Ransan. Mas a divina Amália foi mais feliz, dando no sítio exacto com a atracção fascinadora da sua cara e o poder arrebatador da sua voz. Que sucesse meus senhores! E, ao mesmo tempo, que formidável lição para os «snobs», os descrentes, os intelectuais de algibeira que usam minimizar as rotundas virtualidades do maravilhoso fado!

Sem cursos especializados na Itália ou na Alemanha, sem bolsas de estudo da Fundação Gulbenkian, sem uma passagem sequer pelos coros de S. Carlos — Amália Rodrigues não tem rival na arte de cantar. Aqui fica a advertência para todos aqueles que, ao ouvir os discos da Callas ou da Tebaldi, se deixam arrastar por juízes temerários...

Zózimo Pedrosa

A CIDADE

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 26 de Setembro, procedente dos Bancos da Terra Nova, entrou o navio *Brites*, com cerca de 8 000 quintais de bacalhau fresco; e saiu para Lisboa, em lastro, o navio tanque *Sacor*.

★ Em 27, saíram, para Lisboa, o rebocador *Foz do Vouga*, a barcaça *Beira-Mar* e o atuneiro *Rio Vouga*.

★ Em 28, vindo de Leixões, entrou o iate americano *Explorer II*.

★ Em 1 de outubro corrente, procedentes de Lisboa e Setúbal, respectivamente, entraram a barra o rebocador *Foz do Vouga* e o galeão-motor *Praia da Saúde*.

★ Em 2, saiu para Lisboa o iate americano *Explorer II*.

Foi dada posse ao novo

Presidente do Município de S. João da Madeira

Ao fim da tarde da penúltima segunda-feira, realizou-se, no salão nobre do Governo Civil de Aveiro, o acto de posse do novo Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira, sr. Eng.º Daniel Ferreira Pinto.

Presidiu ao acto, que foi muito concorrido, o sr. Dr. Fernando Marques, Governador Civil substituto, que se fez ladear pelos srs.: Dr. Manuel Tarujo de Almeida, Presidente da Comissão Distrital da U. N.; Coronel Diamantino Amaral, Comandante Distrital da L. P.; Manuel Vieira Araújo, Presidente cessante; Dr. António Nicolau da Costa, Vice-presidente da Comissão Concelhia de S. João da Madeira da U. N.; Dr. Manuel Homem Ferreira, em representação dos deputados pelo Círculo Eleitoral de Aveiro; e empossado.

Noutros lugares viam-se numerosas individualidades em destaque nos meios políticos, administrativos, civis e sociais do Distrito.

Lido o auto de posse, usaram da palavra os srs. Dr. Fernando Marques, que, depois de prestar sentida homenagem ao falecido Governador Dr. Jaime Ferreira da Silva, agradeceu a dedicação do Presidente cessante e enalteceu os méritos da empossado.

Este agradeceu, prometendo o seu maior empenho ao serviço da administração municipal que lhe fora confiada.

Museu de Aveiro

★ Ao longo de Setembro passado, visitaram o Museu: o Prof. Luís Reis Santos, Director do Museu Machado de Castro (Coimbra); Dr. Fernando Russell Cortez, Director do Museu de Grão Vasco (Viseu); António Montez, Director do Museu de José Malhoa (Caldas da Rainha); Dr. Carlos da Silva Lopes, Conservador do Museu Nacional de Soares dos Reis (Porto); Eng.º João dos Santos Simões, organizador do «Museu do Azulejo» (Madre de Deus, Lisboa); o Comandante Ernesto de Vilhena, Administrador-delegado da Companhia dos Diamantes de Angola, sob cujo patrocínio será editada a exaustiva monografia do Rev.º P.º Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos consagrada ao *Mosteiro de Jesus de Aveiro*.

★ O número de visitantes no Museu, neste ano, desde 1 de Janeiro até 25 de Setembro, ultrapassa já 19.000.

★ No penúltimo sábado deu entrada no respectivo salão da *Galeria de Aveiro* a maquete (à escala de 50 %) de um barco moliceiro, cuja construção o Museu oportunamente confiou a Mestre Manuel Conde, da Gafanha do Carmo.

★ Na cidade do Porto, e no Museu Nacional de Soares dos Reis, efectuou-se a III Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais, na qual participou o Dr. António Manuel Gonçalves, ilustre Director do Museu de Aveiro, com activas intervenções, referentes aos complexos museológicos do novo arranjo que imprimiu ao nosso Museu.

Eng.º Coutinho de Lima

O sr. Eng.º João Ribeiro Coutinho de Lima, que durante muitos anos exerceu as elevadas funções de Director do Porto de Aveiro, foi nomeado, em portaria de 10 de Setembro último, para o cargo interino de Engenheiro-inspector-superior de Obras públicas, no preenchimento da vaga deixada pelo sr. Eng.º Armando da Palma Carlos.

Aveiro florida

Nas placas circulares da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho — que em breve, como se impõe, serão implantadas fora dos cruzamentos — a Câmara Municipal mandou colocar taças, em cimento, com flores.

Um passo, muito louvável, para tornar a cidade florida.

Peregrinação a Fátima

Amanhã irão a Fátima, em peregrinação, cerca de 800 paroquianos da Vera-Cruz.

De segunda-feira até ontem, houve preparação na paroquial daquela freguesia, com terço solenizado, tendo proferido uma conferência o Rev.º P.º João Paulo da Graça Ramos.

Jorge Mendes Leal

DESPORTOS

Secção dirigida por

António Leopoldo

DECISÃO LAMENTÁVEL

Aveiro, cidade-capital do Distrito, progride, progride sempre. É um facto palpável, iniludível. Sente-se, por todo o lado, um anseio de fazer bem feito seja qual for o ângulo por que se observe essa manifestação surda, mas, paradoxalmente, gritante. Em todos os ramos de actividade, o aveirense, indígena ou não, valoriza-se cada vez mais no sentido de melhor corresponder ao grande surto de realizações, sejam estas de nível artístico, habitacional, ou de quaisquer outras que representem mais e melhor. Numa palavra: sente-se, vê-se, respira-se ânsia indubitável de acompanhar a vida moderna. Porém, há uma excepção, a eterna excepção à regra — o desporto.

Parece que já ninguém pode duvidar das enormes possibilidades de Aveiro no sector da educação física. Para uma grande variedade de desportos, há, tem havido sempre, um público fiel, que acarinha, incita, ampara, ora com aplausos, ora com as imprescindíveis dádivas em dinheiro. Isto é, há colaboração que, como se vê, acompanha o movimento citadino. Pois bem. Mesmo com tudo isto, Aveiro não possui um escol de dirigentes desportivos à altura das necessidades mais prementes, quer em qualidade, quer em quantidade. Lamentàvelmente, procurando bem, seleciona-se apenas uma meia dúzia de homens com capacidade de mando, número assaz reduzido para o muito que se exige!

Do mesmo modo que existem, ou deveriam existir, escolas de iniciação nas várias modalidades desportivas, também os dirigentes deveriam ser recrutados naquela camada de indivíduos que, embora não se achem integrados na alta sociedade, passearam contudo, e talvez por isso mesmo, parte da sua juventude pelos campos da bola.

Assim como não se concebe, por exemplo, que um seccionista pe basquetebol desconheça as mais elementares regras do jogo, também não se compreende lá muito bem que dirigentes de determinadas colectividades nunca tivessem visto, a não ser por simples curiosidade, uma bola de basquetebol, ou tivessem vindo para o futebol sem ter ouvido alguma vez falar num livre indirecto...

Pode dizer-se, como argumento, que é necesário antes do mais, gente de prestígio à frente dos clubes! Aceitamos, e até achamos muitíssimo bem, desde que para isso possuam um mínimo de conhecimentos; mas não será só por esse facto que qualquer sujeito pode dirigir um grupo de músicos, sem algum dia ter folheado um simples caderno de solfejo, apenas porque tem ares e é muito importante!!!

A imagem de que nos servimos pode não ser muito feliz e pecar até por exagero; contudo, uma coisa é certa: há fata de dirigentes desportivos que saibam aproveitar as naturais qualidades da mocidade aveirense. E como nem só de pão vive o homem, não é só de futebol, também, que a cidade necessita.

Todas as diferentes modalidades reunidas, seja o futebol ou o basquetebol, o andebol ou a natação, formam, ou deveriam formar, o conjunto desportivo duma colectividade prestigiosa. Porém, tal não sucede; e o que vemos assemelha-se a um distinto cavalheiro vestindo um fato de primeira qualidade, mas exibindo, tristemente, a destacar do conjunto, uma gravata adquirida aos simpáticos chineses e calçando sapatos em segunda mão, do modelo corrente na Feira dos 13...

É evidente que, entretanto, mesmo verificados os erros, tudo continue na mesma. É cómodo deixar correr o marfim e já ninguém se surpreende deste estatismo dos dirigentes.

Vê-se, com mágoa, o Sport Clube Beira-Mar desistir, pura e simplesmente, da prática do andebol. E o caso toma aspectos graves, porque o núcleo aveirense contraiu reponsabilidades na modalidade, não só porque era, actualmente, o seu único e lídimo representante citadino, mas também porque possuindo, agora, um recinto apropriado—o mesmíssimo local aonde existiu o inglório tanque-piscina parecia ter desaparecido o óbice de tantos anos para a prática dos desportos menos favorecidos!

Como consequência desta decisão lamentável do Beira-Mar, algumas dezenas de rapazes, muito deles valorosos campeões dos negros-amarelos, vêem cortadas todas as possibilidades de praticar o seu desporto favorito. E, ao mesmo tempo que o Clube fica mais pobre na relatividade da sua projecção, o desporto regional e, em certa medida, o nacional, sofrem a perda de mais uns tantos atletas, bem credores dum amparo que a sua condição de amadores lhes confere e dá plenos direitos.

Joaquim Duarte

Xadrez de Notícias

Amanhã, pelas 15 horas, efectua-se em Sangalhos um aliciante festival de ciclismo na Pista da Bairrada, com provas de eliminação, perseguição *e* uma hora à americana.

Estarão presentes corredores do F. C. do Porto, da Ovarense, de Oliveira do Bairro e do Sangalhos.

O Campeonato Distrital de Futebol da I Divisão teve mais duas jornadas, em que se apuraram os resultados seguintes: Anadia, 1 — Cesarense, 2; Cucujães, 3 — Recreio, 0; Lamas, 8 — Vista Alegre, 0; Bustelo, 1 — Lusitânia, 1; Arrifanense, 2 — Paços de Brandão 0; Alba, 5 — Estarreja, 1; e Esmoriz, 0 — Ovarense, 4. **2.ª jornada** - Cesarense, 2 — Esmoriz, 0; Recreio, 2 — Anadia, 1; (jogo na quarta-feira, após a interrupção de domingo, por causa do mau tempo, com a marca em 3-3); Vista Alegre, 1 — Cucujães, 0; Lusitânia, 1 — Lamas, 1; Paços de Brandão, 3 — Bustelo, 1; Estarreja, 1 — Arrifanense, 1; e Ovarense, 6 — Alba, 1.

3.ª jornada

Lamas e Ovarense, com 11 pontos cada, comandam a classificação.

O conhecido atleta alvi-rubro Artur Fino abandonou a prática do basquetebol, possando a assumir o cargo de treinador das equipas dos Galitos, que começou a orientar no mês findo.

Em futebol, principiou, no domingo, o Campeonato Distrital de Reservas, registando-se os resultados a seguir referidos: Lusitânia, 1 — Lamas, 5; e Recreio, 2 — Beira-Mar, 0.

Amanhã, jogam: Cucujães — Lusitânia, Arrifanense — Lamas e Valonguense — Recreio.

Taça de Portugal

SOB o signo do mau tempo, que directamente veio a influir na expressão numérica de quase todos os desfechos dos jogos de domingo, realizou-se a segunda *mão* da primeira eliminatória da Taça de Portugal, apurando-se os seguintes resultados:

Porto, 3 - Vitória de Setubal, 1; C. U. F., 4 - Espinho, 1; Varsim, 8 - Oriental, 0; Oliveirense, 0 - Sporting, 4; Alhandra, 4 - Salgueiros, 0; Barreirense, 2 - Atlético, 1; Académico de Viseu, 1 - Académica, 2; Sacavenense, 1 - Vianense, 1; Boavista, 1 - Feirense, 2; Peniche, 1 - Olhanense, 3; Leça, 1 - Portimonense, 0; Benfica, 12 - Luso, 0 (jogo efectuado anteontem, à noite); Seixal, 4 - Lusitano V. R. Santo António, 1; Beira-Mar, 1 - Farense, 0; Vitória de Guimarães, 2 - Covilhã, 0; Silves, 1 - Marinhense, 1; Castelo Branco, 2 - Sanjoanense, 2; Braga, 1 - Leixões, 1; Belenenses, 6 - Montijo, 0; Cova da Piedade, 1 - Torriense, 1; e Portalegrense, 1 - Lusitano de Évora, 1.

A ronda rendeu 79 golos (contra 104 marcados na jornada inaugural), tendo determinado a realização de vários prélios de desempate, em consequência de igualdades de golos entre os seguintes pares de clubes — Porto - Setubal (3-3), Alhandra - Salgueiros (4-4), Sacavenense-Vianense (2-2) e Boavista - Feirense (2-2).

Nesses desafios, venceram os alhandrenses, em Leiria (4-1), os sacavenenses, em Coimbra (4-5), e os feirenses, em Espinho (2-1, após prolongamento) — enquanto portistas e sadinos jogam amanhã, o que provoca um imprevisto precalço na regular marcha da competição.

De notável, no domingo, pouco houve para além da sensacional recuperação do Alhandra, da goleada conseguida pelo Varzim e da vitória do Feirense no Porto (contrariando, de certo modo, o nosso vaticínio...).

Dos cinco grupos do Distrito — três ficaram já pelo caminho. De todos, o que mais se lamentará é a Sanjoanense, uma vez que a sua eliminação da prova se deve à sua inicial derrota *em casa*; na verdade — e com o seu quê de surpresa — os sanjoanenses, no domingo, impuseram um empate em Castelo Branco. Espinho e Oliveirense saíram da Taça derrotados por *teams* reconhecidamente mais fortes — circunstância que serve de atenuante e explicação às suas fugazes intervenções na prova.

Assim, Beira-Mar e Feirense são, agora, os representantes aveirenses na Taça de Portugal, que prossegue, amanhã, com os seguintes desafios:

Portimonense - Atlético, Olhanense - Belenenses, Leixões - C. U. F., Varzim - Marinhense, Sporting - Cova da Piedade, Seixal - Beira-Mar, Alhandra - Castelo Branco, Benfica - Lusitano de Évora e Sacavenense - Académica.

Por sorteio, o Vitória de Guimarães ficou isento desta eliminatória — sendo automàticamente apurado para a seguinte.

Ao Feirense competirá jogar com o vencedor do *duo* Porto-Setubal — em datas ainda por designar.

O Dr. Mário Duarte dando o pontapé de saída *no jogo de domingo último*

BEIRA-MAR, 1 — FARENSE, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragenm do sr. António Ferreira dos Santos, de Coimbra.

BEIRA-MAR — Alves Pereira; Valente, Liberal e Moreira; Brandão e Jurado; Miguel, Laranjeira, Cardoso, Chaves e Romeu.

FARENSE — Calota; Chabi, Ventura e Bento; José António e Dias; Júlio, Jaruga, Djungo, Vítor e Totoi.

O piso do recinto, bastante enlameado e pesado em consequência das chuvas que caíram em Aveiro e quase não pararam durante todo o jogo, foi sério óbice para a qualidade do futebol praticado por ambas as equipas.

Mas, assim mesmo, o encontro teve fases bastante agradáveis — já que, e dentro do condicionalismo imposto pelo deficientíssimo estado do terreno, se assistiu a um encontro repleto de interesse de começo a final.

Com um *team* mais frágil, sobretudo pela compleição física de todos os seus dianteiros, o Beira-Mar impôs-se aos algarvios — mercê da melhor estrutura e da mais adiantada preparação do seu onze.

Pode mesmo dizer-se que os aveirenses dominaram territorialmente e tècnicamente durante toda a partida — pelo que se justifica o merecido êxito que obtiveram e apenas peca por ser exíguo.

Na verdade, a contagem mínima é lisonjeira para o Farense, que se livrou de punição mais severa pela errada pontaria e pela autêntica *mala-pata* dos negro-amarelos, que construiram diversas situações de baliza aberta.

De resto, será de salientar que o encontro foi modelarmente correcto e que os aveirenses conseguiram outro golo, por intremédio de ROMEU, mas em falta que passou despercebida ao árbitro e ao seu auxiliar (António Lopes Rosa) que acompanhava o ataque dos locais. Todavia, e por decidida e pronta intervenção do juiz de linha Álvaro Rodrigues, o árbitro revogou a sua decisão de mandar a bola para o centro, marcando, antes, um livre por mão de Romeu, que socara claramente a bola!

●

O único tento da partida foi marcado por CHAVES, aos 41 m..

●

No Beira-Mar, Brandão, Romeu, Miguel, Cardoso e Laranjeira; e no Farense, José António e Calota foram os jogadores que mais se distinguiram.

●

Sem dificuldades, o árbitro teve actuação razoável e segura. Ia, no entanto, cometendo um deslize de tomo (como se referiu) — mas foi disso, a tempo, impedido, pelo que tudo resultou da melhor forma.

★

A anteceder o encontro, e acompanhado por dirigentes do Beira-Mar, do Farense e da A. F. de Aveiro, o ilustre diplomata aveirense Dr. Mário Duarte, prestigiosa figura do Desporto e actual Embaixador de Portugal no México, desceu ao recinto de jogo e cumprimentou os jogadores dos dois grupos e os componentes da turma de arbitragem.

Depois, o Embaixador Dr. Mário Duarte — que é Presidente Honorário do Beira-Mar e foi ele próprio um valoroso e eclético desportista — deu o pontapé de saída do desafio, sendo bastante ovacionado pelo público e pelos jogadores dos dois clubes que seguidamente se defrontaram.

Totobolândia

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 4 DO TOTOBOLA ★

14 de Outubro de 1962

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Atlético — Portimonense	1		
2	C. U. F. — Leixões	1		
3	C. Piedade — Sporting			2
4	Marinhense — Varzim	1		
5	Beira-Mar — Seixal	1		
6	Sintrense — Casa Pia			2
7	Loures — Estoril		x	
8	S. L. Olivais — D. Olivais	1		
9	Avintes — Vilanovense	1		
10	Tirsense — Oliv. Douro	1		
11	Córdova — At. Madrid			2
12	Maiorca — Valência	1		
13	Osasuna — Sevilha		x	

Ginástica

Vão iniciar-se, no dia 15, as aulas de mais um ano de actividades das classes de ginástica que o Sporting de Aveiro devotadamente e sacrificadamente mantém há meia dúzia de anos.

As inscrições podem ser feitas, todos os dias úteis, depois das 21.30 horas, na sede da operosa colectividade.

A CIDADE

Pelos Tribunais

Na pretérita segunda-feira, 1 do corrente, e após 60 dias de férias, recomeçaram as actividades nos tribunais judiciais.

O novo período deve ser, na comarca, bastante movimentado, pois é considerável o número de processos a julgar.

Um deles, referente ao livramento de mancebos da vida militar, conta 20 volumes num total de 4 934 folhas e 4 índices com 1 078 folhas.

Este processo foi instaurado em Agosto de 1945, no então Quartel General da 2.ª Região Militar, em Coimbra. Em Fevereiro de 1959, foi remetido à Polícia Judiciária do Porto, sendo enviado à comarca de Aveiro em Março do ano corrente.

O Agente do Ministério Público, sr. Dr. Armindo José Girão Leitão Cardoso, incriminou 59 arguidos.

O volumoso processo foi distribuído à 1.ª Secção do 2.º Juízo.

Grave desastre de aviação

Cerca das 18 horas de sábado último, despenhou-se em Cernache, no Campo de Aviação Dr. Bissaia Barreto, um *Chipmunk* da Base Aérea de S. Jacinto.

O aparelho regressava de Aveiro, quando, perdendo altura perto do campo onde haveria de aterrar, caiu no solo, incendiando-se.

Era tripulado pelo Alferes-miliciano Jorge Lachand, de 23 anos, que pilotava, e pelo Cabo-miliciano António Gomes da Silva, de 22 anos.

Arnaldo Duarte e António Gomes Fadiga, que assistiram ao desastre, correram abnegadamente em socorro das vítimas, mas só conseguiram arrancar do braseiro o Gomes da Silva; o inditoso Alferes Lachaud pereceu nas chamas.

O grave acidente causou consternação na cidade, particularmente entre os que conheciam, e por suas virtudes estimavam, o desditoso Alferes Jorge Lachaud.

Os acrobatas «Avelinos»

Com pleno agrado, o conhecido conjunto acrobático «Os Avelinos», tem dado espectáculos no Rossio, continuando a sua actuação nesta cidade hoje, sábado, às 21.30 horas e amanhã, às 16 e às 21.30.

Despedem-se na segunda-feira, à noite, com um espectáculo de homenagem ao Sport Clube Beira-Mar.

Afundou-se a traineira «Praia da Barra»

Pelas 20 horas de terça-feira, quando navegava a norte de Viana do Castelo, em mar agitado, afundou-se a traineira «Praia da Barra» pertencente à Empresa de Pesca Sardinari, L.da, da praça de Aveiro.

Felizmente, mercê dos devotados esforços da tripulação da traineira «Santo Inácio», também de Aveiro, que suspendeu a sua faina para acorrer aos pescadores em perigo, em número de 39, todos foram salvos.

Depois de recolhida a tripulação, foi ainda possível, com o prestante auxílio da traineira «Felicidade Rosa», retirar as redes e outros apetrechos do barco sinistrado.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Riscar direito por linhas tortas

Continuação da terceira página

«selva», a Nascente, que de longe se dirá povoada de perigosa fauna... enfim, quase tudo ali é francamente mau — ali, que é, afinal, o centro da urbe...

... Sobre cujo centro incidem não sabemos quantas jurisdições, cada uma delas a porfiar em sobrepor a afirmação da sua autoridade ao melhor e mais concertado arranjo funcional e estético do sítio.

Isto se vê (do que cabe na retina) ou se adivinha (quando tentamos explicar o disparate), se conseguirmos substituir a topografia do peão pela vista que se nos depara da carlinga dalguma aeronave. Então o despautério avulta, dando a sensação de que o sr. Acaso foi ali o único arquitecto a ditar a sua traça.

Importa, em justiça, acentuar que a Vereação coetânea da feitura da famigerada Ponte-praça não teria sido responsável pela iniciativa da inestética, disforme e tão disnevelada construção, apenas notável, à americana, pela força brutal de incríveis cifras de toneladas de cimento que lá se vasaram.

Acontece que, em boa hora, a Câmara da presidência do Eng.º Henrique de Mascarenhas resolveu mandar ao Diabo os paleativos urbanísticos que por dezassete anos entravaram o ingente e urgente arranjo urbanístico da cidade. Contratou um urbanista de categoria mundial, o famoso Professor Auzelle, da Sorbonne, aliciou os serviços do seu competente discípulo arquitecto e urbanista José Semide e do conceituado arquitecto João Korrodi, utilizou o saber e o zelo de outros excelentes técnicos — e, com todos, no departamento municipal proficientemente dirigido pelo Eng.º Nóbrega Canelas, organizou um Gabinete de Estudos operante e operoso.

Tem-se trabalhado ali com ciência, consciência e persistência; o Plano Director da Cidade, previsto para fins de 1963, será, talvez, apresentado à aprovação pública logo nos começos do próximo ano.

Um passo dicisivo para uma urbanística que os valores económicos, étnicos e estéticos de Aveiro há muito reclamam.

Até lá — a expectativa.

Oxalá não sejam iludidas as nossas esperanças. E, no que toca à Ponte-praça, que o respectivo estudo seja feito com a primazia que requerem a sua situação e os múltiplos interesses que ali se radicam e há muito pedem solução — se bem que saibamos não ser fácil riscar direito por linhas tortas...

O Capitão Alves Moreira deixou o Comando da P. S. P.

Deixou o cargo de Comandante Distrital da P.S.P. de Aveiro, onde servia, com muito zelo, aprumo e competência, desde Fevereiro do ano findo, o sr. Capitão António Joaquim Alves Moreira — agora de novo chamado a desempenhar outra missão no nosso Ultramar.

Ao distinto oficial, que na cidade goza de gerais simpatias e de muitas amizades, quiseram os seus mais directos colaboradores e subordinados prestar um justíssimo preito de admiração e homenagem — para o que, na hora da sua despedida, no sábado, se realizou, numa das salas do Comando da P. S. P., uma breve e singela, mas expressiva, sessão.

Usaram da palavra os srs. José Esteves Soares, Chefe da Secretaria, José Adelino Fernandes da Silva, Comissário, e Tenente Janúario Rodrigues Pereira, 2.º Comandante Distrital da P. S. P. — todos a saudar o sr. Capitão Alves Moreira e a significarem-lhe, em termos repassados de funda emoção, a sua estima e a saudade com que o viam partir de Aveiro.

Agradecendo, o sr. Capitão Alves Moreira — a quem foi oferecida uma artística salva de prata — dirigiu palavras de apreço pela colaboração que sempre lhe foi prestada por todos os elementos da corporação que comandou.

O Capitão Alves Moreira no uso da palavra

HOJE, NO GRÉMIO DO COMÉRCIO

Uma Conferência do Dr. Pacheco de Amorim

Esta noite, pelas 21.30 horas, o sr. Dr. Fernando Pacheco de Amorim profere, no salão nobre do Grémio do Comércio, um conferência subordinada ao tema «Política de Integração».

O ilustre conferencista é autor do livro «Três Caminhos da Política Ultramarina», que tem vindo a despertar enorme interesse na opinião pública.

Festival Folclórico

Devido ao mau tempo, foi adiado para hoje, à noite, o I Festival-concurso Folclórico do Distrito de Aveiro, *que será levado a efeito no Pavilhão de Desportos do Beira-Mar.*

No interessante certame participam onze conjuntos.

Pelo Hospital

Otorrinolaringologia

Os serviços de Otorrinolaringologia, criados oportunamente no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, vão ser postos a funcionar, por agora, às terças-feiras e ficarão a cargo do clínico sr. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Seabra.

Esclarece-se, no entanto, que brevemente tais serviços passarão a efectuar-se três vezes por semana.

Novos Gerentes Bancários

★ Transferido da filial do Banco Nacional Ultramarino de Castelo Branco, iniciou a gerência da filial do mesmo Banco nesta cidade, no passado dia 2 do corrente, o sr. António Maldonado Dias Marcos.

★ Em substituição do sr. Manuel Reis Baptista, que de há muito se encontra doente na sua casa de Coimbra, foi nomeado agente do Banco de Portugal em Aveiro o sr. Adriano Gonçalves de Morais Júnior.

O Litoral *cumprimenta os dois funcionários bancários, desejando-lhes as maiores felicidades no desempenho dos seus elevados cargos.*

cartões de visita

FAZEM AN[illegible]

Hoje, 6 — As [illegible] Eduarda Pereira Osório e D. Amélia Taborda e Silva; os srs. Luís [illegible]sto de Almeida Neves e João Du[illegible]va Peixinho; e as meninas Zenai[illegible]ia, filha do sr. Rui Vilas, e Susana [illegible] Salvador Fernandes, filha do sr. [illegible]ão João António Ferreira Fernandes.

Amanhã, 7 — [illegible] D. Maria da Purificação Olivei[illegible]sa do sr. José de Oliveira, ausent[illegible] Beira (Moçambique); o sr. Prof. [illegible] de Pinho Neto Brandão; as meni[illegible]aria do Fátima Ferreira Araújo e [illegible]a Helena da Apresentação dos [illegible] Gadim, filha do sr. Floriano G[illegible] Godim; e os meninos Vitor Man[illegible]s Santos Rocha, filho do sr. José [illegible]to Rocha, José António Gonçalves[illegible], filho do sr. José Pereira, ausen[illegible] Alto de Catumbela (Angola) e J[illegible]los Vidal Martins.

Em 8 — As [illegible]of.ª D. Amália Bandeira de Quad[illegible]anco, D. Maria Clementina Portu[illegible]ereira Campos Vaz Pinto da Ro[illegible]rata da Rocha, esposa do sr. Dr. [illegible] Sobrinho Barata da Rocha, e D[illegible] Azevedo Alves Novo; e os srs. An[illegible]de Barros Paula Santos e José Co[illegible]nelas de Almeida, ausente em M[illegible]ique.

Em 9 — Os [illegible] Eng.º agrónomo Raul Wahnan Co[illegible]nto e Dr. Francisco de Assis Ber[illegible] Ferreira da Maia; e a sr.ª D. M[illegible]ina dos Santos Frias.

Em 10 — Os s[illegible] António Peixinho, Subdelegad[illegible] Saúde, e Júlio Ferreira Dias.

Em 11 — Os s[illegible] Artur Trindade Salgueiro, nosso [illegible]do colaborador, Luís da Silva P[illegible], Dr. José da Veiga Teixeira Lop[illegible] Mateus Júnior e António Joaquim [illegible]unha; e o menino António Jo[illegible]lho do sr. Arlindo Gouveia da Cu[illegible]

Em 12 — O [illegible] Padre António Augusto de Olivei[illegible]pelão da Santa Casa da Miseri[illegible], Professor da E. I. C. A. e Edito[illegible] Correio de Vouga»; os srs. Manu[illegible] Reis Baptista e Jofre Almiro Gom[illegible] Moura; e o menino Rui Duarte V[illegible] Cunha, filho do sr. Duarte Sim[illegible] Cunha.

CASAMENTO

No dia 15 d[illegible]bro findo, na igreja de Jesus, re[illegible] o casamento da sr.ª Dr.ª D. M[illegible]anda da Costa Cerqueira, filha [illegible] D. Armanda Lourenço da Costa [illegible]eira e do nosso distinto colaborad[illegible]uardo Cerqueira, com o sr. Eng[illegible]lherme de Castro Lopes, filho da [illegible] Engrácia Pinto de Castro Lopes e [illegible] José Guilherme Lopes.

Foi oficiante o [illegible] Padre Manuel Caetano Fidalgo, [illegible]ervido de padrinhos: pela noiva, [illegible] D. Lígia Pinto Castro Lopes e [illegible] o sr. António Bráulio de Castro [illegible]elo noivo, a sr.ª D. Ermalinda de [illegible] Ferreira da Costa Galvão e o sr. D[illegible]cisco Lourenço da Costa.

Ao [illegible]lar desejamos [illegible]aiores venturas

PRESIDENTE [illegible]AMARA

Da sua visit[illegible]ica a diversos países da Europ[illegible] maior permanência em Itália, [illegible]ou a Aveiro no penúltimo sábado [illegible]g.º Henrique de Mascarenhas, ilus[illegible]idente do Município aveirense.

JOSÉ RAMOS

A frequentar [illegible]so de especialização em fotog[illegible] cores naturais, encontra-se na A[illegible], a convite da Fábrica AGFA, o [illegible]ido artista aveirense José Ramos, após o aludido curso, se desloca[illegible]umas das principais cidades eur[illegible]

DOENTES

● Encontra-[illegible] a sr.ª D. Ana Augusta Dias T[illegible]sposa do nosso distinto colaborad[illegible] José Pereira Tavares.

● Também [illegible]ns dias de cama o sr. João da Ro[illegible], agora já em franca convalesc[illegible]

Aos enfer[illegible]sejamos pronto e compl[illegible]stabelecimento

José Estêvão visto por contemporâneos

Continuação da primeira página

pelo maior dos filhos da nossa terra.

Ainda que até agora, talvez por força de circunstâncias ocasionais, quase desacompanhado — salvo, decerto, a condicional e discreta acção das entidades responsáveis pelas comemorações — cá por mim, julgo uma obrigação cívica teimando em evocar, quando posso, a sua edificante memória e a sua altíssima figura, e recordando, despretensiosamente, factos ou escritos de onde mais ao vivo transpareça a sua estatura, o seu exemplo e a penetração que teve e mantém.

Claro que pouco importa a minha opinião e o meu sentimento pessoais — e eu ainda privei com contemporâneos seus e entre eles, bastante de perto, com o autor da primeira colectânea dos seus discursos parlamentares, seu fidelíssimo admirador, quase diria seu devoto — esse repositório vivo da história local que se chamava Joaquim Simões Franco.

Por isso me socorro e abono com prosa alheia, com quem lhe sofreu a influência e a aliciação directas e de ciência certa pode relatar episódios ou dar opiniões em primeira mão.

Vamos hoje exumar de livros pouco conhecidos dois depoimentos que atestam o ambiente de afeição que rodeava o orador inexcedido.

O primeiro pertence a Ricardo Guimarães, o futuro visconde de Benalcanfor, político, jornalista e escritor de nomeada na sua época. Nas suas «Narrativas e Episódios da Vida Política e Parlamentar», faz repetidas e encomiásticas referências ao egrégio tribuno. A primeira alusão reporta-se ao encontro que com ele teve — que seria, aliás, pela segunda vez — em 1847, na casa de Passos Manuel, num agitado momento da vida nacional.

Transcrevo o trecho em que evoca esse episódio da sua vida:

«Nunca me esquecerá a sincera e expansiva alegria com que contemplámos aqueles dois notáveis vultos — o estadista e o orador do partido popular — lançando-se mùtuamente nos braços e interrogando-se com loquaz curiosidade acerca das eventualidades e episódios da guerra civil, que os distanciara por algumas semanas.

«Conversou-se animadamente, discutiu-se a grandeza da luta, a energia da resistência popular, a cegueira da camarilha, surda às vozes da prudência e aos ensinamentos da história.

«Por último, o diálogo versou, entre Passos Manuel e José Estêvão, acerca das operações da coluna de populares onde militava o grande orador:

— «Varo, que fizeste das tuas legiões? — perguntava o primeiro.

— «Aí as trago. Se vêm exaustas pelo cansaço, ao menos não foram cortadas pelo ferro do inimigo.

— «Não aceitaste batalha campal?

— «Retirei sistemàticamente; retirei sempre!

— «Bravo, José! Fizeste como Xenofonte. Resta o escreveres como ele a tua gloriosa retirada.

«Com a exuberância da graça natural — tão outra deste espírito, que laboriosamente destilam alguns homens-alambiques de salão — graça que ornava a conversação de Passos Manuel e de José Estêvão, as horas voavam rápidas.»

Sucedem-se ao longo do livro as menções ao «imortal orador em quem a previsão política nos momentos solenes desconcertava os mais perspicazes», e que «despedia do carcaz inexaurível epigramas acerados aos Argos da ordem pública»; ao «leão da eloquência que agitava a juba majestosa e ululava a nobre cólera» em face de uma injustiça, ao rude lutador que «esmagava a uns com a sua eloquência assombrosa e sem rival nos domínios da fantasia e do sentimento, e arremessava a outros as ironias e sarcasmos que só ele sabia vibrar como raios ardentes e fulminadores», ao «gigante da eloquência que poderia — só e desacompanhado — combater contra a falange inteira de seus adversários, tão grande era o seu génio».

A um ano da morte do parlamentar fulgurante, deplorando o seu desaparecimento, escrevia Ricardo Guimarães:

«José Estêvão! cuja voz nos parece estar acordando os ecos adormecidos desta habitação, que ele povoava com os recursos infinitos do seu espírito original e da sua conversasação sucessivamente devaneadora e sarcástica, como uma página de Larra ou de Heine; faiscante como um diálogo travesso de Dumas; ora desmaiando no crepúsculo do cismar, que os franceses chamam *rêverie*, ora purpureando-se das labaredas da paixão!

«José Estêvão! o intérprete eloquente, o imortal defensor da liberdade, cujo nome está ìntimamente ligado a todas as causas generosas».

E o autor, que, aliás, nem só neste ensejo mostrou esta entusiástica admiração, prossegue, nessas páginas pouco conhecidas:

«Quem lhe herdou o primado da palestra familiar, que ele exercia desafrontado de rivais? Por ora é ele herança jacente, como o é, e será — Deus sabe por que tempo! — o cetro doirado da eloquência de que não puderam despojá-lo em vida os mais possantes émulos, cetro que ainda hoje poisa sobre o túmulo do orador, insígnia indisputada daquela realeza do génio. Igualmente o seu diadema, ao contrário do que sucede nas dinastias vulgares, ainda não foi transmitido a outra fonte: pende solitário do ataúde, como símbolo saudoso e adorada recordação de tantas glórias e triunfos que verdejavam, quando luziam mais vivas as esmeraldas dos nossos anos juvenis, e que não cessaram de florir, subjugando-nos pelo entusiasmo, depois de havermos transposto o limiar menos encantado das desilusões da virilidade!

«Emudeceram os ecos daquela voz rugidora, que, como a de Demóstenes, desafiava o bramido das vagas das assembleias políticas!

«Expirou o rumor daquela palavra imaginosa e colorida, às vezes desigual e desordenada como a própria paixão; outras lírica e repassada de aticismo, fazendo brotar da alma suaves sentimentos, e vibrar os afectos trágicos do afecto e do terror.»

Não se compadece com a natureza deste escrito um mais longo excerto da obra do apreciado polenista e folhetinista que foi Benalcanfor, o qual, aliás, nos trechos de que me servi já, deixa bem provada a admiração pelo grande orador, que, segundo as suas palavras, reinou na tribuna «pela omnipotência do génio.»

E para não alongar com opiniões mais ou menos divulgadas de Bulhão Pato ou Rebelo da Silva, do Ramalho ou dos Magalhães Limas, de Freitas e Oliveira ou Marques Gomes, cingir-nos-emos a uma breve excursão pelo livro «Individualidades», de Henrique das Neves. No artigo dedicado ao açoreano Sebastião do Canto, conversador emérito, a quem se escutava com verdadeiro agrado, «mas agrado... de mais», pois era um absorvente e monopolizava a conversação, e que o autor de «Sob os Ciprestes» descreve «folgazão, jovial, afectuoso, apaixonado pelo bulício constante do que vulgarmente chamam grande mundo, homem do Grémio, de S. Carlos, dos serões, dos bailes, dos jantares — poemas presididos pelo Campos Valdez, no Mata, ou no Universal», e aponta como íntimo de José Estevão.

Ora, com efeito, a mais querida matéria prima do seu reportório de grande evocador do passado e da Lisboa elegante que o arruinara era José Estevão, precisamente. Henrique Neves, aliás, o assevera, acrescentando: «O tribuno que subjugava as assembleias, o protector do povo, o cavaqueador inimitável /.../ o coração generoso, o amigo de toda a gente (menos de Costa Cabral), e de quem todos eram amigos, o leão da liberdade, o democrata de costumes simples, enfim o grande homem sob todos os seus vastos aspectos, e mais as suas predilecções, as suas esquisitices, este conjunto perfeitamente harmónico, fanatizou o ilheu de Vila Franca do Campo. Não há exagero em dizer-se que Sebastião do Canto voltou de Lisboa apaixonado por José Estevão.»

Já há tempos me referi, ainda que acidentalmente, ao tempo que José Estevão passou nos Açores e aos afectos que lá despertou e de lá trouxe, e às recordações que desses tempos guardava.

Encerremos, pois, estas linhas, com o traslado de um trecho do diálogo travado entre José Estevão e Sebastião do Canto quando este, antes de regressar a S. Miguel, apresentava despedidas ao parlamentar aveirense:

— «Agora vou pedir-te outra coisa. Desta nunca te quis dizer em palestra alegre, porque para mim é assunto sagrado.

— Diga o sr. José Estevão.

— Quando puderes, vai à Ladeira da Velha. Sabes que aí, nesse desfiladeiro, um punhado de homens salvámos a liberdade?

— Sei, sim senhor, e conheço o sítio como se fosse terra minha.

— Pois bem. Vais lá acompanhado de um veterano que tivesse entrado naquela aventura, ele que te indique o sítio onde os académicos romperam o fogo; e aí, apanha uma pedra e manda-ma.»

— Esteja certo que há de ter essa recordação. Nada mais deseja de mim?

— Não. Dá cá esse abraço, tem boa viagem, e conta comigo para o que te servir... Olhem o homem a chorar... Ai que ilhéu este!...

— É que homem como o senhor José Estevão...»

E não haverá um descendente de Sebastião do Canto ou desses bravos veteranos, que, para a hora das comemorações centenárias de José Estevão, nos queira mandar uma pequena pedra simbólica da Ladeira da Velha?

Eduardo Cerqueira

Na senda de GLORIOSAS TRADIÇÕES

Desde sempre, os amadores aveirenses de Teatro revelaram, por diversos tablados do País, excepcionais aptidões para a difícil arte de Talma.

Na senda de tão gloriosas tradições caminha agora o *Círculo Experimental de Teatro de Aveiro* (CETA), organização de voluntariosos — e talentosos — jovens da nossa terra.

Por telegrama do SNI, recebido na tarde de anteontem, soube-se que o CETA alcançara o «Prémio Augusto Rosa» (o 1.º em Drama, no valor de 10 contos) no *Concurso Nacional de Arte Dramática*, recentemente realizado em Lisboa, com a representação da dificílima peça «A' Espera de Godot», clamoroso êxito dos aveirenses no *Trindade*.

O «Prémio Chaby Pinheiro» (5 contos) foi concedido ao encenador Rui Lebre; e o «Prémio João Rosa (3 contos) *ex-æquo* aos intérpretes Jaime Borges e José Júlio Fino. Foi ainda galardoado com uma menção honrosa o jovem Jorge Matos.

Aveiro, tanto como os seus amadores de Teatro, está de parabéns.

Faleceu:

D. Guilhermina Gomes Teixeira

Na madrugada do dia 3, faleceu a sr.ª D. Guilhermina Ferreira Gomes Teixeira, viúva do saudoso e conhecido industrial aveirense Américo Carlos Gomes Teixeira.

A bondosa senhora, muito conceituada no meio aveirense por suas virtudes e qualidades, contava 70 anos de idade.

Era mãe extremosa dos srs. Américo e Carlos Gomes Teixeira e das sr.as D. Maria Helena e D. Maria Gracinda Ferreira Gomes Teixeira; sogra das sr.as D. Maria de Lourdes Gamelas Gomes Teixeira, D. Maria Beatriz Teles Grilo Ferreira Brandão Gomes Teixeira e dos srs. Major António Maria Rebelo e Alfredo Sameiro Pereira Bacelar Alves; irmã do sr. António da Costa Ferreira; e cunhada das sr.as D. Maria Celeste Soares da Costa Ferreira, D. Maria Augusta Leidley Seiça Guedes Gomes Teixeira, D. Georgina Paula Gomes Teixeira e do sr. António Gomes Teixeira.

A sr.a D. Guilhermina Ferreira Gomes Teixeira era societária das importantes firmas aveirenses Ferreira & Irmão, Suc., L.da, Indústria Aveirense de Pesca, L.da, e Mercantil Aveirense, L.da.

Por sua alma, será celebrada missa do 7.º dia, na paroquial da Vera-Cruz, às 11 horas do dia 9.

A' família enlutada, os pêsames do Litoral

Agradecimento

Ricardo Cordeiro

A família de Ricardo Cordeiro, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se associaram à sua dor e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, significando a todos o seu profundo reconhecimento.

Problemas do Sal

No seu n.º 3388, de 29 de Setembro passado, o bi-semanário *O Figueirense* publicou uma «nota informativa», subscrita pelo sr. Dr. Alberto F. Borges, Presidente do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz, a propósito de um artigo do *Litoral*, sobre os problemas salineiros, que aquele nosso colega transcrevera no seu n.º 3386, de 15 do referido mês.

A «nota», muito confusa e recheada de lamentáveis insinuações e de confrangedoras inépcias, obriga-nos a alguns esclarecimentos, que publicaremos no próximo número.

A CIDADE

Pelos Tribunais

Na pretérita segunda-feira, 1 do corrente, e após 60 dias de férias, recomeçaram as actividades nos tribunais judiciais.

O novo período deve ser, na comarca, bastante movimentado, pois é considerável o número de processos a julgar.

Um deles, referente ao livramento de mancebos da vida militar, conta 20 volumes num total de 4 934 folhas e 4 índices com 1 078 folhas.

Este processo foi instaurado em Agosto de 1945, no então Quartel General da 2.ª Região Militar, em Coimbra. Em Fevereiro de 1959, foi remetido à Polícia Judiciária do Porto, sendo enviado à comarca de Aveiro em Março do ano corrente.

O Agente do Ministério Público, sr. Dr. Armindo José Girão Leitão Cardoso, incriminou 59 arguidos.

O volumoso processo foi distribuído à 1.ª Secção do 2.º Juízo.

Grave desastre de aviação

Cerca das 18 horas de sábado último, despenhou-se em Cernache, no Campo de Aviação Dr. Bissaia Barreto, um *Chipmunk* da Base Aérea de S. Jacinto.

O aparelho regressava de Aveiro, quando, perdendo altura perto do campo onde haveria de aterrar, caiu no solo, incendiando-se.

Era tripulado pelo Alferes-miliciano Jorge Lachand, de 23 anos, que pilotava, e pelo Cabo-miliciano António Gomes da Silva, de 22 anos.

Arnaldo Duarte e António Gomes Fadiga, que assistiram ao desastre, correram abnegadamente em socorro das vítimas, mas só conseguiram arrancar do braseiro o Gomes da Silva; o inditoso Alferes Lachaud pereceu nas chamas.

O grave acidente causou consternação na cidade, particularmente entre os que conheciam, e por suas virtudes estimavam, o desditoso Alferes Jorge Lachaud.

Os acrobatas «Avelinos»

Com pleno agrado, o conhecido conjunto acrobático «Os Avelinos», tem dado espectáculos no Rossio, continuando a sua actuação nesta cidade hoje, sábado, às 21.30 horas e amanhã, ás 16 e às 21.30.

Despedem-se na segunda-feira, à noite, com um espectáculo de homenagem ao Sport Clube Beira-Mar.

Afundou-se a traineira «Praia da Barra»

Pelas 20 horas de terça-feira, quando navegava a norte de Viana do Castelo, em mar agitado, afundou-se a traineira «Praia da Barra» pertencente à Empresa de Pesca Sardinari, L.da, da praça de Aveiro.

Felizmente, mercê dos devotados esforços da tripulação da traineira «Santo Inácio», também de Aveiro, que suspendeu a sua faina para acorrer aos pescadores em perigo, em número de 39, todos foram salvos.

Depois de recolhida a tripulação, foi ainda possível, com o prestante auxílio da traineira «Felicidade Rosa», retirar as redes e outros apetrechos do barco sinistrado.

SERVIÇO DE FARMACIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª feira	A L A
3.ª feira	M. CALADO
4.ª feira	AVEIRENSE
5.ª feira	SAÚDE
6.ª feira	OUDINOT

Riscar direito por linhas tortas

Continuação da terceira página

«selva», a Nascente, que de longe se dirá povoada de perigosa fauna... enfim, quase tudo ali é francamente mau — ali, que é, afinal, o centro da urbe...

... Sobre cujo centro incidem não sabemos quantas jurisdições, cada uma delas a porfiar em sobrepor a afirmação da sua autoridade ao melhor e mais concertado arranjo funcional e estético do sítio.

Isto se vê (do que cabe na retina) ou se adivinha (quando tentamos explicar o disparate), se conseguirmos substituir a topografia do peão pela vista que se nos depara da carlinga dalguma aeronave. Então o despautério avulta, dando a sensação de que o sr. Acaso foi ali o único arquitecto a ditar a sua traça.

Importa, em justiça, acentuar que a Vereação coetânea da feitura da famigerada Ponte-praça não teria sido responsável pela iniciativa da inestética, disforme e tão disnevelada construção, apenas notável, à americana, pela força brutal de incríveis cifras de toneladas de cimento que lá se vasaram.

Acontece que, em boa hora, a Câmara da presidência do Eng.º Henrique de Mascarenhas resolveu mandar ao Diabo os paleativos urbanísticos que por dezassete anos entravaram o ingente e urgente arranjo urbanístico da cidade. Contratou um urbanista de categoria mundial, o famoso Professor Auzelle, da Sorbonne, aliciou os serviços do seu competente discípulo arquitecto e urbanista José Semide e do conceituado arquitecto João Korrodi, utilizou o saber e o zelo de outros excelentes técnicos — e, com todos, no departamento municipal proficientemente dirigido pelo Eng.º Nóbrega Canelas, organizou um Gabinete de Estudos operante e operoso.

Tem-se trabalhado ali com ciência, consciência e persistência; o Plano Director da Cidade, previsto para fins de 1963, será, talvez, apresentado à aprovação pública logo nos começos do próximo ano.

Um passo dicisivo para uma urbanística que os valores económicos, étnicos e estéticos de Aveiro há muito reclamam.

Até lá — a expectativa.

Oxalá não sejam iludidas as nossas esperanças. E, no que toca à Ponte-praça, que o respectivo estudo seja feito com a primazia que requerem a sua situação e os múltiplos interesses que ali se radicam e há muito pedem solução — se bem que saibamos não ser fácil riscar direito por linhas tortas...

O Capitão Alves Moreira deixou o Comando da P. S. P.

Deixou o cargo de Comandante Distrital da P.S.P. de Aveiro, onde servia, com muito zelo, aprumo e competência, desde Fevereiro do ano findo, o sr. Capitão António Joaquim Alves Moreira — agora de novo chamado a desempenhar outra missão no nosso Ultramar.

Ao distinto oficial, que na cidade goza de gerais simpatias e de muitas amizades, quiseram os seus mais directos colaboradores e subordinados prestar um justíssimo preito de admiração e homenagem — para o que, na hora da sua despedida, no sábado, se realizou, numa das salas do Comando da P. S. P., uma breve e singela, mas expressiva, sessão.

Usaram da palavra os srs. José Esteves Soares, Chefe da Secretaria, José Adelino Fernandes da Silva, Comissário, e Tenente Januário Rodrigues Pereira, 2.º Comandante Distrital da P. S. P. — todos a saudar o sr. Capitão Alves Moreira e a significarem-lhe, em termos repassados de funda emoção, a sua estima e a saudade com que o viam partir de Aveiro.

Agradecendo, o sr. Capitão Alves Moreira — a quem foi oferecida uma artística salva de prata — dirigiu palavras de apreço pela colaboração que sempre lhe foi prestada por todos os elementos da corporação que comandou.

O Capitão Alves Moreira no uso da palavra

Problemas do Sal

No seu n.º 3388, de 29 de Setembro passado, o bi-semanário *O Figueirense* publicou uma «nota informativa», subscrita pelo sr. Dr. Alberto F. Borges, Presidente do Grémio da Lavoura da Figueira da Foz, a propósito de um artigo do *Litoral*, sobre os problemas salineiros, que aquele nosso colega transcrevera no seu n.º 3386, de 15 do referido mês.

A «nota», muito confusa e recheada de lamentáveis insinuações e de confrangedoras inépcias, obriga-nos a alguns esclarecimentos, que publicaremos no próximo número.

HOJE, NO GRÉMIO DO COMÉRCIO

Uma Conferência do Dr. Pacheco de Amorim

Esta noite, pelas 21.30 horas, o sr. Dr. Fernando Pacheco de Amorim profere, no salão nobre do Grémio do Comércio, um conferência subordinada ao tema «Política de Integração».

O ilustre conferencista é autor do livro «Três Caminhos da Política Ultramarina», que tem vindo a despertar enorme interesse na opinião pública.

Festival Folclórico

Devido ao mau tempo, foi adiado para hoje, à noite, o I Festival-concurso Folclórico do Distrito de Aveiro, *que será levado a efeito no Pavilhão de Desportos do Beira-Mar.*

No interessante certame participam onze conjuntos.

Pelo Hospital

Otorrinolaringologia

Os serviços de Otorrinolaringologia, criados oportunamente no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, vão ser postos a funcionar, por agora, às terças-feiras e ficarão a cargo do clínico sr. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Seabra.

Esclarece-se, no entanto, que brevemente tais serviços passarão a efectuar-se três vezes por semana.

Novos Gerentes Bancários

★ Transferido da filial do Banco Nacional Ultramarino de Castelo Branco, iniciou a gerência da filial do mesmo Banco nesta cidade, no passado dia 2 do corrente, o sr. António Maldonado Dias Marcos.

★ Em substituição do sr. Manuel Reis Baptista, que de há muito se encontra doente na sua casa de Coimbra, foi nomeado agente do Banco de Portugal em Aveiro o sr. Adriano Gonçalves de Morais Júnior.

O Litoral *cumprimenta os dois funcionários bancários, desejando-lhes as maiores felicidades no desempenho dos seus elevados cargos.*

cartões de visita

FAZEM AN[...]

Hoje, 6 — As [...] Eduarda Pereira Osório e D. Amélia Taborda e Silva; os srs. Luís [...]sto de Almeida Neves e João Du[...]va Peixinho; e as meninas Zen[...]ia, filha do sr. Rui Vilas, e Susana [...] Salvador Fernandes, filha do sr. [...]ão João António Ferreira Fernandes.

Amanhã, 7 — [...] D. Maria da Purificação Olivei[...]sa do sr. José de Oliveira, ausent[...] Beira (Moçambique); o sr. Prof. [...] de Pinho Neto Brandão; as meni[...]aria do Fátima Ferreira Araújo e [...]a Helena da Apresentação dos [...] Gadim, filha do sr. Floriano G[...] Godim; e os meninos Vitor Man[...]s Santos Rocha, filho do sr. José [...]o Rocha, José António Gonçalves[...]ra, filho do sr. José Pereira, ausen[...] Alto de Catumbela (Angola) e J[...]rlos Vidal Martins.

Em 8 — As sr.[...]of.ª D. Amália Bandeira de Quad[...]anco, D. Maria Clementina Port[...]ereira Campos Voz Pinto da Ro[...]rata da Rocha, esposa do sr. Dr. [...]o Sobrinho Barata da Rocha, e D[...] Azevedo Alves Novo; e os srs. An[...]e Barros Paula Santos e José Cor[...]melas de Almeida, ausente em M[...]ique.

Em 9 — Os [...] Eng.º agrónomo Raul Wahnan Co[...]nto e Dr. Francisco de Assis Ben[...]Ferreira da Maia; e a sr.ª D. Ma[...]ina dos Santos Frias.

Em 10 — Os s[...] António Peixinho, Subdelegad[...]aúde, e Júlio Ferreira Dias.

Em 11 — Os s[...] Artur Trindade Salgueiro, nosso [...]do colaborador, Luís da Silva P[...], Dr. José da Veiga Teixeira Lop[...]é Mateus Júnior e António Joaquim[...]unha; e o menino António Joa[...]ho do sr. Arlindo Gouveia da Cu[...]

Em 12 — O [...] Padre António Augusto de Olivei[...]pelão da Santa Casa da Miseri[...], Professor da E. I. C. A. e Edito[...] Correio de Vouga»; os srs. Manu[...] Reis Baptista e Jofre Almiro Gom[...] Moura; e o menino Rui Duarte V[...]a Cunha, filho do sr. Duarte Sim[...] Cunha.

CASAMENTO

No dia 15 d[...]bro findo, na igreja de Jesus, re[...] o casamento da sr.ª Dr.ª D. Ma[...]nanda da Costa Cerqueira, filha [...] D. Armanda Lourenço da Costa[...]eira e do nosso distinto colaborad[...]uardo Cerqueira, com o sr. Eng[...]lherme de Castro Lopes, filho da [...] Engrácia Pinto de Castro Lopes e [...] José Guilherme Lopes.

Foi oficiante o [...] Padre Manuel Caetano Fidalgo, [...]ervido de padrinhos: pela noiva[...] D. Lígia Pinto Castro Lopes e C[...] e sr. António Bráulio de Castro[...]lo noivo, a sr.ª D. Ermalinda de [...]erreira da Costa Galvão e o sr. D[...]ncisco Lourenço da Costa.

Ao [...]lar desejamos [...]aiores venturas

PRESIDENTE [...]ÂMARA

Da sua visit[...]ica a diversos países da Europ[...] maior permanência em Itália, [...]ou a Aveiro no penúltimo sábado[...]g.º Henrique de Mascarenhas, ilus[...]idente do Município aveirense.

JOSÉ RAMOS

A frequentar [...]so de especialização em fotog[...] cores naturais, encontra-se na A[...], a convite da Fábrica AGFA, o [...]do artista aveirense José Ramos, após o aludido curso, se desloca[...]umas das principais cidades eur[...]

DOENTES

● Encontra-[...]e a sr.ª D. Ana Augusta Dias Ta[...]posa do nosso distinto colaborad[...] José Pereira Tavares.

● Tambem [...]ns dias de cama o sr. João da Ro[...], agora já em franca convalesc[...]

Aos enfer[...]sejamos pronto e compl[...]stabelecimento

José Estêvão visto por contemporâneos

Continuação da primeira página

pelo maior dos filhos da nossa terra.

Ainda que até agora, talvez por força de circunstâncias ocasionais, quase desacompanhado — salvo, decerto, a condicional e discreta acção das entidades responsáveis pelas comemorações — cá por mim, julgo uma obrigação cívica teimando em evocar, quando posso, a sua edificante memória e a sua altíssima figura, e recordando, despretensiosamente, factos ou escritos de onde mais ao vivo transpareça a sua estatura, o seu exemplo e a penetração que teve e mantém.

Claro que pouco importa a minha opinião e o meu sentimento pessoais — e eu ainda privei com contemporâneos seus e entre eles, bastante de perto, com o autor da primeira colectânea dos seus discursos parlamentares, seu fidelíssimo admirador, quase diria seu devoto — esse repositório vivo da história local que se chamava Joaquim Simões Franco.

Por isso me socorro e abono com prosa alheia, com quem lhe sofreu a influência e a aliciação directas e de ciência certa pode relatar episódios ou dar opiniões em primeira mão.

Vamos hoje exumar de livros pouco conhecidos dois depoimentos que atestam o ambiente de afeição que rodeava o orador inexcedido.

O primeiro pertence a Ricardo Guimarães, o futuro visconde de Benalcanfor, político, jornalista e escritor de nomeada na sua época. Nas suas «Narrativas e Episódios da Vida Política e Parlamentar», faz repetidas e encomiásticas referências ao egrégio tribuno. A primeira alusão reporta-se ao encontro que com ele teve — que seria, aliás, pela segunda vez — em 1847, na casa de Passos Manuel, num agitado momento da vida nacional.

Transcrevo o trecho em que evoca esse episódio da sua vida:

«Nunca me esquecerá a sincera e expansiva alegria com que contemplámos aqueles dois notáveis vultos — o estadista e o orador do partido popular — lançando-se mùtuamente nos braços e interrogando-se com loquaz curiosidade acerca das eventualidades e episódios da guerra civil, que os distanciara por algumas semanas.

«Conversou-se animadamente, discutiu-se a grandeza da luta, a energia da resistência popular, a cegueira da camarilha, surda às vozes da prudência e aos ensinamentos da história.

«Por último, o diálogo versou, entre Passos Manuel e José Estêvão, acerca das operações da coluna de populares onde militava o grande orador:

— «Varo, que fizeste das tuas legiões? — perguntava o primeiro.

— «Ai as trago. Se vêm exaustas pelo cansaço, ao menos não foram cortadas pelo ferro do inimigo.

— «Não aceitaste batalha campal?

— «Retirei sistemàticamente; retirei sempre!

— «Bravo, José! Fizeste como Xenofonte. Resta o escreveres como ele a tua gloriosa retirada.

«Com a exuberância da graça natural — tão outra deste espírito, que laboriosamente destilam alguns homens-alambiques de salão — graça que ornava a conversação de Passos Manuel e de José Estêvão, as horas voavam rápidas.»

Sucedem-se ao longo do livro as menções ao «imortal orador em quem a previsão política nos momentos solenes desconcertava os mais perspicazes», e que «despedia do carcaz inexaurível epigramas acerados aos Argos da ordem pública»; ao «leão da eloquência que agitava a juba majestosa e ululava a nobre cólera» em face de uma injustiça, ao rude lutador que «esmagava a uns com a sua eloquência assombrosa e sem rival nos domínios da fantasia e do sentimento, e arremessava a outros as ironias e sarcasmos que só ele sabia vibrar como raios ardentes e fulminadores», ao «gigante da eloquência que poderia — só e desacompanhado — combater contra a falange inteira de seus adversários, tão grande era o seu génio».

A um ano da morte do parlamentar fulgurante, deplorando o seu desaparecimento, escrevia Ricardo Guimarães:

«José Estêvão! cuja voz nos parece estar acordando os ecos adormecidos desta habitação, que ele povoava com os recursos infinitos do seu espírito original e da sua conversação sucessivamente devaneadora e sarcástica, como uma página de Larra ou de Heine; faiscante como um diálogo travesso de Dumas; ora desmaiando no crepúsculo do cismar, que os franceses chamam *rêverie*, ora purpureando-se das labaredas da paixão!

«José Estêvão! o intérprete eloquente, o imortal defensor da liberdade, cujo nome está intimamente ligado a todas as causas generosas».

E o autor, que, aliás, nem só neste ensejo mostrou esta entusiástica admiração, prossegue, nessas páginas pouco conhecidas:

«Quem lhe herdou o primado da palestra familiar, que ele exercia desafrontado de rivais? Por ora é ele herança jacente, como o é, e será — Deus sabe por que tempo! — o cetro doirado da eloquência de que não puderam despojá-lo em vida os mais possantes émulos, cetro que ainda hoje poisa sobre o túmulo do orador, insígnia indisputada daquela realeza do génio. Igualmente o seu diadema, ao contrário do que sucede nas dinastias vulgares, ainda não foi transmitido a outra fonte: pende solitário do ataúde, como símbolo saudoso e adorada recordação de tantas glórias e triunfos que verdejavam, quando luziam mais vivas as esmeraldas dos nossos anos juvenis, e que não cessaram de florir, subjugando-nos pelo entusiasmo, depois de havermos transposto o limiar menos encantado das desilusões da virilidade!

«Emudeceram os ecos daquela voz rugidora, que, como a de Demóstenes, desafiava o bramido das vagas das assembleias políticas!

«Expirou o rumor daquela palavra imaginosa e colorida, às vezes desigual e desordenada como a própria paixão; outras lírica e repassada de aticismo, fazendo brotar da alma suaves sentimentos, e vibrar os afectos trágicos do afecto e do terror.»

Não se compadece com a natureza deste escrito um mais longo excerto da obra do apreciado polenista e folhetinista que foi Benalcanfor, o qual, aliás, nos trechos de que me servi já, deixa bem provada a admiração pelo grande orador, que, segundo as suas palavras, reinou na tribuna «pela omnipotência do génio.»

E para não alongar com opiniões mais ou menos divulgadas de Bulhão Pato ou Rebelo da Silva, do Ramalho ou dos Magalhães Limas, de Freitas e Oliveira ou Marques Gomes, cingir-nos-emos a uma breve excursão pelo livro «Individualidades», de Henrique das Neves. No artigo dedicado ao açoreano Sebastião do Canto, conversador emérito, a quem se escutava com verdadeiro agrado, «mas agrado... de mais», pois era um absorvente e monopolizava a conversação, e que o autor de «Sob os Ciprestes» descreve «folgozão, jovial, afectuoso, apaixonado pelo bulício constante do que vulgarmente chamam grande mundo, homem do Grémio, de S. Carlos, dos serões, dos bailes, dos jantares — poemas presididos pelo Campos Valdez, no Mata, ou no Universal», e aponta como íntimo de José Estevão.

Ora, com efeito, a mais querida matéria prima do seu reportório de grande evocador do passado e da Lisboa elegante que o arruinara era José Estevão, precisamente. Henrique Neves, aliás, o assevera, acrescentando: «O tribuno que subjugava as assembleias, o protector do povo, o cavaqueador inimitável /.../ o coração generoso, o amigo de toda a gente (menos de Costa Cabral), e de quem todos eram amigos, o leão da liberdade, o democrata de costumes simples, enfim o grande homem sob todos os seus vastos aspectos, e mais as suas predilecções, as suas esquisitices, este conjunto perfeitamente harmónico, fanatizou o ilheu de Vila Franca do Campo. Não há exagero em dizer-se que Sebastião do Canto voltou de Lisboa apaixonado por José Estevão.»

Já há tempos me referi, ainda que acidentalmente, ao tempo que José Estevão passou nos Açores e aos afectos que lá despertou e de lá trouxe, e às recordações que desses tempos guardava.

Encerremos, pois, estas linhas, com o traslado de um trecho do diálogo travado entre José Estevão e Sebastião do Canto quando este, antes de regressar a S. Miguel, apresentava despedidas ao parlamentar aveirense:

— «Agora vou pedir-te outra coisa. Desta nunca te quis dizer em palestra alegre, porque para mim é assunto sagrado.

— Diga o sr. José Estevão.

— Quando puderes, vai à Ladeira da Velha. Sabes que aí, nesse desfiladeiro, um punhado de homens salvámos a liberdade?

— Sei, sim senhor, e conheço o sítio como se fosse terra minha.

— Pois bem. Vais lá acompanhado de um veterano que tivesse entrado naquela aventura, ele que te indique o sítio onde os académicos romperam o fogo; e aí, apanha uma pedra e manda-ma.»

— Esteja certo que há-de ter essa recordação. Nada mais deseja de mim?

— Não. Dá cá esse obraço, tem boa viagem, e conta comigo para o que te servir... Olhem o homem a chorar... Ai que ilhéu este!...

— É que homem como o senhor José Estevão...»

E não haverá um descendente de Sebastião do Canto ou desses bravos veteranos, que, para a hora das comemorações centenárias de José Estevão, nos queira mandar uma pequena pedra simbólica da Ladeira da Velha?

Eduardo Cerqueira

Na senda de GLORIOSAS TRADIÇÕES

Desde sempre, os amadores aveirenses de Teatro revelaram, por diversos tablados do País, excepcionais aptidões para a difícil arte de Talma.

Na senda de tão gloriosas tradições caminha agora o *Círculo Experimental de Teatro de Aveiro* (CETA), organização de voluntariosos — e talentosos — jovens da nossa terra.

Por telegrama do SNI, recebido na tarde de anteontem, soube-se que o CETA alcançara o «Prémio Augusto Rosa» (o 1.º em Drama, no valor de 10 contos) no *Concurso Nacional de Arte Dramática*, recentemente realizado em Lisboa, com a representação da dificílima peça «A' Espera de Godot», clamoroso êxito dos aveirenses no *Trindade*.

O «Prémio Chaby Pinheiro» (5 contos) foi concedido ao encenador Rui Lebre; e o «Prémio João Rosa (3 contos) *ex-æquo* aos intérpretes Jaime Borges e José Júlio Fino. Foi ainda galardoado com uma menção honrosa o jovem Jorge Matos.

Aveiro, tanto como os seus amadores de Teatro, está de parabéns.

Faleceu:

D. Guilhermina Gomes Teixeira

Na madrugada do dia 3, faleceu a sr.ª D. Guilhermina Ferreira Gomes Teixeira, viúva do saudoso e conhecido industrial aveirense Américo Carlos Gomes Teixeira.

A bondosa senhora, muito conceituada no meio aveirense por suas virtudes e qualidades, contava 70 anos de idade.

Era mãe extremosa dos srs. Américo e Carlos Gomes Teixeira e das sr.as D. Maria Helena e D. Maria Gracinda Ferreira Gomes Teixeira; sogra das sr.as D. Maria de Lourdes Gamelas Gomes Teixeira, D. Maria Beatriz Teles Grilo Ferreira Brandão Gomes Teixeira e dos srs. Major António Maria Rebelo e Alfredo Sameiro Pereira Bacelar Alves; irmã do sr. António da Costa Ferreira; e cunhada das sr.as D. Maria Celeste Soares da Costa Ferreira, D. Maria Augusta Leidley Seiça Guedes Gomes Teixeira, D. Georgina Paula Gomes Teixeira e do sr. António Gomes Teixeira.

A sr.a D. Guilhermina Ferreira Gomes Teixeira era societária das importantes firmas aveirenses Ferreira & Irmão, Suc., L.da, Indústria Aveirense de Pesca, L.da, e Mercantil Aveirense, L.da.

Por sua alma, será celebrada missa do 7.º dia, na paroquial da Vera-Cruz, às 11 horas do dia 9.

A' família enlutada, os pêsames do Litoral

Agradecimento

Ricardo Cordeiro

A família de Ricardo Cordeiro, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se associaram à sua dor e acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, vem fazê-lo por este meio, significando a todos o seu profundo reconhecimento.

Dr. MÁRIO DUARTE

Continuação da última página

va sessão solene — esta para imposição ao Dr. Mário Duarte da *Medalha de Prata da Cidade* que lhe foi concedida pela Câmara Municipal.

A' chegada do Dr. Mário Duarte, a *Banda Amizade* tocou o Hino da Cidade, tendo-lhe sido prestada uma carinhosa manifestação de simpatia pelas numerosíssimas pessoas que se juntaram em frente ao edifício da Câmara.

Presidiu à cerimónia o Presidente do Município, sr. Eng.º Henrique de Mascarenhas, que tinha a seu lado o homenageado e toda a Vereação.

Fez o elogio do Embaixador Dr. Mário Duarte o Vereador e Presidente da Comissão Municipal de Turismo sr. Eng.º Alberto Branco Lopes, que pôs em relevo a individualidade do eminente aveirense, como diplomata e desportista; o mérito dos seus trabalhos literários e, sobretudo, as suas constantes provas de afecto à cidade que lhe foi berço e de cujas belezas tem sido um grande e prestimoso divulgador.

Falou, depois, o Presidente do Município reiterando as expressões de apreço pelo homenageado e recordando o que Aveiro lhe deve, impondo-lhe, por entre calorosos aplausos, o galardão que a Câmara lhe concedera. A' esposa do homenageado, sr.ª D. Maria Isabel Mendes Duarte, foi também entregue, pela sr.ª D. Luísa Pardal Monteiro de Mascarenhas, um ramo de flores.

Muito sensibilizado, o Dr. Mário Duarte agradeceu a distinção concedida, que será, porventura, a mais estimada de quantas lhe foram conferidas, reafirmando calorosamente os seus indefectíveis sentimentos de aveirismo.

Ainda no sábado, e no final da sessão camarária a que atrás nos referimos, realizou-se, no Hotel Arcada, o anunciado almoço de homenagem ao Dr. Mário Duarte.

Presentes à volta de uma centena de convivas, a eles se associaram muitos amigos e admiradores do homenageado e diversas colectividades e instituições de vários pontos do País, enviando telegramas de saudação.

Aos brindes — relevando as qualidades do Dr. Mário Duarte — usaram da palavra os srs.: Dr. Francisco de Assis Ferreira da Maia, pela comissão promotora da homenagem; Dr. Mário Gaioso Henriques, para solicitar ao Dr. Mário Duarte que fizesse a entrega ao Presidente da Câmara de uma mensagem enviada pela Casa do Distrito de Aveiro em Luanda; Carlos Alberto Soares Machado; Dr. A'lvaro Sampaio e Dr. Francisco José do Vale Guimarães, antigos Presidente do Mnnicípio e Governador Civil de Aveiro; Dr. Querubim Guimarães; e Carlos Ferreira Gomes Teixeira, Presidente da Direcção do Sport Clube Beira-Mar, de que o Dr. Mário Duarte é Presidente Honorário.

Falou. por fim, o homenageado — a agradecer as provas de amizade de que estava a ser alvo.

Em recordação da visita a Aveiro, a comissão promotora da homenagem ofereceu ao Dr. Mário Duarte uma artística e valiosa peça de faiança regional.

No domingo, o Dr. Mário Duarte assistiu ao desafio de futebol Beira-Mar-Farense — que iniciou, simbòlicamente, dando o *pontapé de saída*.

A' sua chegada ao Estádio, na companhia dos dirigentes do Beira-Mar, o público dispensou-lhe carinhosa e expressiva ovação.

Na segunda-feira, a Comissão de Turismo proporcionou ao nosso ilustre conterrâneo o agradável ensejo de voltar a percorrer a Ria — no decurso de um passeio de lancha, até à Torreira, na companhia de sua esposa, de sua filha e de algumas individualidades aveirenses.

A' noite, o Dr. Mário Duarte foi convidado de honra do Rotary Clube de Aveiro, durante a sua reunião semanal, de que da remos o merecido relato na próxima semana.

Na tarde de terça-feira, e na companhia do sr. Carlos Aleluia, o Dr. Mário Duarte teve a penhorante gentileza de apresentar cumprimentos ao LITORAL, na visita que fez à nossa Redacção.

Com os renovados protestos da nossa gratidão pela sua honrosa visita, gostosamente registamos, nestas colunas, o agradecimento que o Dr. Mário Duarte, por nosso intermédio, pretende pùblicamente endereçar a quantos, por qualquer forma, se associaram ou contribuiram para a homenagem que lhe foi justamente tributada.

Serviços Municipalizados de Aveiro

Aviso

Para os devidos efeitos se publica a lista, considerada definitiva, dos candidatos admitidos ao concurso para provimento dum lugar de desenhador da 3.ª classe, a que se refere o anúncio publicado no Diário do Governo, 3.ª Série, n.º 152, de 29 de Junho de 1962:

Alípio Paiva Melo
Carlos Armando de Carvalho Picado
Carlos Fernando Teixeira Ferreira
Marciano Gomes de Almeida

As provas respectivas serão prestadas nos dias 22 e 23 de Outubro corrente, com início às 9 horas, na sede destes Serviços, devendo os candidatos ser portadores do seu bilhete de identidade e do material necessário, excepto papel.

Aveiro, 4 de Outubro de 1962

O Presidente do Conselho de Administração,
José Ferreira Pinto Basto

Litoral entrevistou ROMEU CORREIA

Continuação da última página

consagrado, não hesita em proclamar-lhe os maiores encómios. O público, por sua vez, distingue-o com raros aplausos: uma ovação de sete minutos, no primeiro dia, e de onze, no segundo.

Agora a peça, que o Nacional recusou, anda a ser pedida por toda o País!... Em breve, no «Livro de Bolso» da Arcádia, sairá uma sua segunda edição e bem assim um novo texto intitulado «Jangada».

Mas «O Vagabundo das Mãos de Ouro» até já galgou fronteiras: ele aparecerá, longe, mas depressa, na Alemanha!...

*

— «Não tenha receio de dizer o que eu digo: Ribeirinho fez em Teatro, como se sabe, das melhores coisas feitas até agora em Portugal. Mas o CETA fez, hoje, aqui, ainda coisas melhores do que Ribeirinho!...»

Confessamos que, assim logo de início, não deixámos de ficar assombrados com... o desassombro das palavras de Romeu Correia!

Tentámos contra-atacar, objectando...

— «Mas é que estas minhas palavras não são impensada impressão ainda quente nem mera opinião pessoal, — respondeu-nos Romeu Correia imediatamente! É a opinião de alguns valores do nosso Teatro (e Romeu Correia citou nomes...) que estavam ao meu lado ou com alguns com quem já estive».

Mas nós teimámos, como quem não acredita, e ousámos pedir que concretizasse, como que para ele comprovar as suas palavras.

— «A luz e o som estiveram inexcedíveis, sublimes. Elas deram à peça, nas diversas tonalidades bem fundidas e na penumbra bem lançada no momento próprio, aquela moldura de clima, de ambiente irreal, poético que o texto exige. Os finais dos dois actos estiveram excelentes. E então o miúdo fez um papel simplesmente inexcedível».

Nós, porém, como o velho Santiago de Hemingway, pensando que «era bom de mais para ser verdade», voltámos ao contra-ataque:

— «Mas não houve nada, vá lá, que lhe parecesse menos bom? A interpretação, por exemplo...».

— «Bem, a peça é difícil e o grupo é de amadores. De verdade, houve uns pequenos senões fàcilmente corrigíveis. O Teatro moderno exige, nos actores, muita vingindade, na mímica e na silabação. Houve de início, algo a mais de declamado num dos personagens e, em outro, um pouco de gestos mais de predistigitador de feira do que de vagabundo.

Isto é para dizer tudo... E não passa duma vulgar opinião apontando aliás pequenos senões, fáceis de corrigir, e que até em profissionais de nome se encontram.

Em resumo: o CETA pode orgulhar-se de ter-nos dado um Godot que não desmereceu do de Ribeirinho — um homem que fez, no Teatro, do melhor em Portugal!»

Estávamos, agora, tranquilos. Romeu Correia fora também para nós o que um bom crítico escreveu dele: «um dos poucos escritores portugueses com alguma coisa para dizer e com coragem de dizê-lo...»

Lisboa, 30 de Setembro de 1962

Mário da Rocha

Durante três horas a sala foi prisão!

Continuação da primeira página

sobretudo, juventude, muita juventude!...

E reparem, reparem bem: *aquele público não se ria!...* Mais: não permitia que alguém esboçasse sequer um sorriso. Para um que tentava rir-se, havia logo meia dúzia, com uma exclamação onomatopaica, a pedir, a impor silêncio.

*

Ao observarmos estas reacções, logo se nos dissiparam todas as dúvidas:

— «*Este* é outro público: percebe de Teatro! Godot impusera-se-lhe; o CETA conquistara-os. A batalha do exame estava a ser vencida... O êxito já se lobrigava, nítido, ao longe.

O intervalo chegara, entretanto. Deixámos a companhia em nosso camarote e viemos até aos bastidores... mas não sem sermos *travados:*

— «Continuem... continuem assim! Eu vi «*Ribeirinho*» aqui e várias vezes. E *vocês* vão-lhe na peugada!...» — assim ousou falar-nos *alguém*.

E eu acreditei naquelas palavras amigamente estimulantes porque, que eu visse, nem um espectador *fugiu*... como eu vi na véspera!

*

Mas o exame estava em meio. Havia já felicitações e as próprias palmas, de demoradas, espontâneas e quentes, via-se bem que não eram esmola... ao intervalo.

— «Mas iria o público aguentar mais outra hora e meia com a **mesma** espera... de Godot? Saberia o público ver e sentir que o efeito da peça, tão psicológico porque densamente dramático e inèditamente estético, era criar, transmitir ao público um clima de cansadora expectativa, duma espera que se renova no próprio momento em que se frustra?» Esta continuava, apesar de tudo, a ser a nossa pergunta. É que nós, confessamo-lo, não acreditávamos fàcilmente num êxito inequívoco...

Mas o público, *aquele* público, num silêncio de quem não quer perder uma palavra ou desprezar um gesto, continuou a não se rir, a não permitir que se rissem.

Pronto! *O espantoso trágico-grotesco, o humor negro, aquela metafísica existencial posta em diálogos de «clowns», aquele «sketch» de Pascal interpretado por uns Fratellini, aquela visão cansativa criando um estado de indomável angústia, onde a intriga é maior do que a acção, tudo isso fora comprendido e sentido...*

*

A meio do segundo acto, um papel caiu ardendo, uma e segunda vez, das luzes cimeiras do proscénio...

Houve público que gritou: — «Calma! Calma! Continuem...»

O exame estava feito; a batalha, ganha! O público não só **aguentou**, mas ficou **preso**, também ele, por Godot, pelo Godot que o CETA trouxera, em esperança, ao palco do *Trindade*.

*

O final foi um coroamento da obra. Galvanizou-nos, mas já não nos surpreendeu! O público não arredava pé; o pano subiu e desceu sete ou oito vezes; e, pano descido definitivamente, o público ficou ainda, de pé, a bater, a não cansar-se de bater palmas, muitas palmas.

*

No fim, tivemos oportunidade de falar com simples espectadores e até, sem quase saber, com homens de Teatro. Foi o caso, entre outros, de João Sarabando, a quem o Teatro, em Lisboa e no País, muito deve. Emblema do CETA encoberto pela pequena pasta que trazíamos, João Sarabando, (só a seguir no palco o viríamos a reconhecer... pessoalmente! — pois quem não o conhece de nome?), ele e o seu grupo não tinham duas opiniões... Porque de todos a opinião era só uma — aquela que arquivamos, neste número, em outro local, em entrevista com Romeu Correia!

*

Ninguém depois no CETA se preocupou mais com a classificação final do júri, **deste** júri e do *seu* critério!... Não era displicência sobranceira dum possível juízo; era a satisfação plena dum exame bem feito. Porque, quando o público é desta categoria — quem melhor juiz do que ele?...

Lisboa, 1 de Outubro de 1962

Mário da Rocha

À ESPERA DE GODOT

Desenho de
HELDER BANDARRA

A MEDALHA DE PRATA DA CIDADE

para o ilustre aveirense

Dr. MÁRIO DUARTE

O homenageado agradecendo o preito do Município

DESDE a penúltima sexta-feira, realizaram-se diversas e expressivas cerimónias de homenagem ao Dr. Mário Duarte, actual Embaixador de Portugal no México, e um notável aveirense que, a par dos muitos serviços prestados ao País através de uma longa e altamente meritória carreira consular e diplomática, sempre tem dado inequívocas e inestimáveis provas de entranhado carinho pela sua terra natal.

Figura marcante, de há longa data, na vida social e desportiva local e nacional, o nosso ilustre conterrâneo goza de geral estima, respeito e consideração e de velhas e profundas amizades em toda a região de Aveiro — de que é dilecto filho e, em boa verdade, o melhor dos embaixadores.

Efectivamente, o Dr. Mário Duarte é bem credor deste título — pois, por todos os meios ao seu alcance, tem procurado promover e incentivar a propaganda da nossa cidade e da nossa famosa Ria, para ambas fazendo convergir as atenções e o interesse de muitos estrangeiros.

A homenagem ao Dr. Mário Duarte revertiu-se de perfeita e total justiça — e, assim, foi que a vimos rodear-se do apreço e da peculiar sinceridade que bem caracterizam os aveirenses.

Como já na semana finda aqui referimos, o programa da homenagem incluiu, como primeiro número, uma audição oferecida ao Dr. Mário Duarte pelo Coral Aleluia.

Teve lugar no Museu Regional, ao fim da tarde da penúltima sexta-feira. Assistiram diversas individualidades de relevo na cidade.

Antes da apresentação dos números de música sacra, polifónica e popular portuguesa, que o Coral interpretou magnificamente, sob orientação de Carlos Aleluia, este dirigiu breves palavras de saudação ao homenageado, que, ao agradecer, no final, pôs em merecido relevo a notável obra social das Fábricas Aleluia e da sua Acção Cultural.

Ainda no dia 28 de Setembro, à noite, efectuou-se, no Clube dos Galitos, uma sessão solene de homenagem ao Dr. Mário Duarte.

Presidiu o sr. Dr. José Pereira Tavares, Presidente da Assembleia Geral da prestigiosa colectividade, que elogiou o ilustre diplomata aveirense e se referiu à personalidade do jornalista nosso conterrâneo João Sarabando, que, naquela luzida sessão, proferiu uma brilhante palestra que intitulou *MÁRIO DUARTE — Uma Lição a Aprender Melhor*.

No seu aplaudido trabalho, o orador focou diversos aspectos da actividade e da vida de Mário Duarte, Pai, apresentando aos desportistas de hoje o nobilíssimo exemplo que a todos nos legou.

A seguir, falou o Presidente da Direcção do Galitos, sr. Dr. Mário Gaioso Henriques. Realçou brilhantemente os méritos do Dr. Mário Duarte, como diplomata e como desportista, e, por fim, entregou-lhe o diploma de Sócio Honorário e um emblema em ouro do Galitos.

O homenageado agradeceu aquela demonstração de apreço e simpatia — em que igualmente foi distinguida a sua Família — considerando uma honra a distinção que o Galitos lhe concedeu.

No sábado, cerca das 13 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, que se encontrava repleto e no qual se viam individualidades do maior relevo, efectuou-se no-

Continua na página 6

o RIBEIRINHO fez das melhores coisas — o CETA fez coisas melhores!...

Foi ele o nosso escolhido. Podia ter sido outro, que não faltavam artistas nem escritores de Teatro a ver o CETA no Trindade. Alguns vimos nós, e entre eles, e outros que, porventura ali, sem serem por nós vistos ou reconhecidos, estava um dos principais actores que estreou, naquela mesma sala, Godot em Portugal.

Nós escolhemos Romeu Correia! Porquê este e não outro?

Sabíamo-lo romancista e dramaturgo a consagrar-se cada vez mais e melhor; sabíamo-lo escritor que tem algo de seu para nos dizer e a quem não falta a íntegra autenticidade para afirmar o que o seu espírito vê ou a sua alma sente.

E como se isso não bastasse, sabíamos que uma das mais ardentes ambições do CETA é apresentar, logo que possível, a peça «O Vagabundo das Mãos de Ouro».

Sabíamos que este texto de Romeu Correia foi um autêntico êxito no Porto, onde o não chegámos a ver por um tris; tínhamos conhecimento directo de que o TEP o apresentará, no início da temporada, no Nacional, aqui em Lisboa; soubemos, há dias, que a primeira edição se havia esgotado ràpidamente, pelo que nos julgámos uns felizardos em tê-la adquirido a tempo e a horas.

Mas dele, e do seu autor, alguma coisa mais soubemos que vale a pena divulgar, já que a peça, assim esperamos, virá a ser representada em Aveiro pelo CETA.

*

O êxito desta peça de Romeu Correia foi muito diferente daquele que nós conhecíamos. O seu texto foi recusado, primeiramente, pelo Conselho de Leitura do Nacional (não foi só o Costa Ferreira!...) e em seu lugar apareceram «Blusões Negros» e uma «Eva»... qualquer coisa!...

Em contrapartida, é o Teatro Moderno de Lisboa que se interessa por ele... Entretanto, é o Teatro Experimental do Porto que o põe em cena, no final da última temporada.

O êxito é estrondoso. Óscar Lopes, para citar só um nome de crítico sabedor e

Continua na página 7

CRÓNICAS ALEGRES

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

Zózimo LÊ O JORNAL

UM júri internacional, reunido em Verona, acaba de conceder o Prémio Itália à produção britânica «A Balada de Peckham Rye», que os juízes unânimente consideraram o melhor programa de Televisão do ano. O prémio para o mais categorizado trabalho radiofónico foi atribuído a uma realização da emissora oficial suíça, enquanto os espanhóis Rafael Ferrer e José Marina Tavera, autores de um curioso programa para a Rádio Nacional de Espanha, eram distinguidos com outro galardão qualquer de que não nos ocorre o nome.

Supomos que Portugal não apresentou a sua forte candidatura aos troféus em jogo — o que, por um lado, profundamente nos desgosta. O celebérrimo folhetim dos pós, as suculentas palestras da E. N. e alguns dos muitos e bons programas da RTP com certeza deixariam o júri verdadeiramente boquiaberto. Mas não podemos esquecer que, neste mundo desorientado e cada vez mais permiável aos venenos do Oriente, nem sempre as coisas lusitanas são encaradas com a necessária imparcialidade. Invertem-se os valores, cospe-se na Justiça, subestima-se aleivosamente quanto dimana dos tradicionais alfobres da civilização. E daí temermos, assás compreensivelmente, que os seleccionadores de Verona sobrepusessem inconfessáveis desígnios aos ditames da equidade e do senso comum.

Apraz-nos verificar, no entanto, que nem todos os estrangeiros lêem pela mesma desavergonhada cartilha, acontecendo até que, aqui e ali, ainda se topam de quando em quando algumas pessoas sérias e esclarecidas. Na França, por exemplo — onde existe um conceituado periódico de nome «Aurore», que, como o leitor sabe, vem amiúde referido nos telegramas da nossa não menos conceituada agência «A. N. I.». É um desses brilhantes telegramas que passamos a transcrever na íntegra, salientando-lhe de antemão o conteúdo finalmente objectivo e altamente erudito:

«PARIS, 21 — André Ransan, o severo crítico musical francês, referindo-se à estreia, na Tête de L'Art, da artista portuguesa Amália Rodrigues, escreve no Aurore:

Encontramo-la depois de dois anos de ausência e de novo ficamos presos pelo seu encanto misterioso. Com efeito, como resistir à atracção fascinadora daquela cara e ao poder arrebatador da-

Continua na página 2